



Discursos na atividade do professor: práticas de linguagem no e sobre o trabalho docente

ERNANI CESAR DE FREITAS

Universidade de Passo Fundo (UPF)

Universidade Feevale – Novo Hamburgo (RS)

DÉBORA FACIN

Universidade de Passo Fundo (UPF)

RESUMEN. Este estudio tiene como objetivo describir y analizar la escenografía y la ética discursiva en la situación de enunciación de un grupo de docentes entrevistados como miembros de un grupo focal investigado. El enfoque teórico es de base enunciativo-discursivo con énfasis en los conceptos de diseño de escenario y *ethos* (Maingueneau 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010) a través de la interfaz con la perspectiva ergológica (Schwartz 1997, 2002, 2010a, 2010b) y el lenguaje en y sobre el trabajo (Nouroudine 2002, Souza-e-Silva, 2002). El corpus de la investigación consistió en entrevistas no estructuradas realizadas mediante la técnica de grupos focales con maestros de primaria en una escuela pública. Los escenarios construidos en las prácticas lingüísticas de los profesores encuestados revelan varios *ethé* como imágenes de sí mismos: sumisos, comprometidos, sin motivación, humanitarios.

PALABRAS CLAVE: *ergología, lenguaje y trabajo, escenografía, ethos discursivo*

RESUMO. Este estudo tem como objetivo descrever e analisar a cenografia e o *ethos* discursivo, na situação de enunciação, de docentes entrevistados e integrantes do grupo focal pesquisado. A abordagem teórica é de base enunciativo-discursiva da linguagem com ênfase aos conceitos de cenografia e de *ethos* (Maingueneau 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010) mediante interface com a perspectiva ergológica (Schwartz 1997, 2002, 2010a, 2010b) e a linguagem no e sobre o trabalho (Nouroudine 2002, Souza-e-Silva, 2002). O corpus de pesquisa constituiu-se de entrevistas não estruturadas realizadas por meio da técnica de aplicação grupo focal, com professores do ensino fundamental de uma escola pública. As cenografias construídas nas práticas languageiras dos docentes pesquisados revelam vários *ethé* como imagens de si: submisso, engajado, desmotivado, humanitário.

PALAVRAS-CHAVE: *ergologia, linguagem e trabalho, cenografia, ethos discursivo*

ABSTRACT. This study aims to describe and analyze the staging and the discursive *ethos* at the situation of enunciation of primary school teachers, who were interviewed as members of a focus group. The theoretical approach is based on the analysis of discursive utterances with emphasis on the concepts of staging and *ethos* (Maingueneau 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010), combined with an ergological perspective (Schwartz, 1997, 2002, 2010a, 2010b) and the language-and-work approach (Nouroudine 2002; Souza-e-Silva, 2002). Research corpus consisted of unstructured interviews conducted by

Recibido: 22 de febrero de 2015 • Aceptado: 1 de abril de 2015.

the technique of focus groups with primary school teachers in a public school. Staging built on language practices of teachers reveal several *ethé* as self-images: submissive, engaged, unmotivated, humanitarian.

KEYWORDS: *ergology, language and work, staging, discursive ethos*

Introdução

Este estudo ancora-se em uma abordagem teórico-metodológica situada no escopo dos estudos enunciativos que se interessam por pesquisas desenvolvidas na interface *Linguagem e Trabalho*. A concepção de trabalho aqui, ao mesmo tempo em que mantém relação com a definição clássica, contempla também as dimensões que a sociedade moderna lhe conferiu, isto é, as relações comunicacionais e interdiscursivas entre os atores/sujeitos que participam das estruturas organizacionais nas empresas/nas instituições.

Diante desse contexto, a questão norteadora de pesquisa é a seguinte: os docentes encontram, no trabalho em sala de aula, complexos desafios e peculiaridades, mobiliza saberes a partir das prescrições que lhe são feitas e os renormaliza no sentido de desenvolver sua atividade, fazendo a gestão e “uso de si” mediante cenografias instituídas das quais emergem *ethé* discursivos desse profissional diante das cenas enunciativas que se verificam nos depoimentos colhidos em situação de entrevista.

O objetivo central deste estudo visa compreender e analisar as práticas de linguagem *no e sobre* o trabalho: discursos da prescrição e da atividade docente, tendo como base as cenas enunciativas das quais se configuram o *ethos* discursivo na atividade, em situação de trabalho.

Do ponto de vista da teoria, a linguagem é aqui compreendida como resultado de uma atividade humana, de um agir discursivo no mundo que nos situa sócio-historicamente, numa posição que confere especial destaque a contribuições interdisciplinares referentes ao mundo do trabalho, quais sejam: a ergonomia situada e a abordagem ergológica (Schwartz 1997, 2002, 2010a, 2010b) em interface com a análise do discurso de base enunciativa (Maingueneau 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010).

O diálogo entre essas disciplinas propicia entender a atividade docente a partir dos discursos que transitam no universo escolar. É nesse sentido que os pressupostos teórico-metodológicos advindos de Maingueneau colaboram para elucidar o sentido da atuação docente.

A pesquisa classifica-se como descritiva, bibliográfica e pesquisa de campo. O corpus utilizado na análise constitui-se de entrevista semiestruturada aplicada mediante a utilização da técnica *focus group* a cinco professores de escola pública estadual do Ensino Fundamental, que atuam em sala de aula, localizada no município de Passo Fundo (RS).

Apresentamos na sequência a fundamentação teórica que dá base a esta pesquisa, cujo conteúdo é representado pelos tópicos “Linguagem e Trabalho:

Ergonomia da Atividade e Ergologia”, Cenografia, *ethos* e discurso: os “lugares” da enunciação.

1. *Linguagem e trabalho: a singularidade da atividade*

Inicialmente nos referimos à Ergonomia da Atividade como propedêutica às questões da disciplina Ergologia, estabelecendo estudo interdisciplinar entre os campos da Linguística, da Ergonomia e da Ergologia. A Ergonomia situada centra-se na atividade humana, na análise do sujeito em ação no trabalho.

A Ergonomia de língua francesa deu expressiva colaboração para se pensar a atividade humana ao tomar como objeto de estudo o trabalho na indústria e nas organizações contemporâneas. Seus estudos verificaram que, entre o trabalho prescrito pelas normas antecedentes (manuais, regras de utilização de materiais e máquinas, divisão e organização do processo de trabalho) e o trabalho realmente realizado, no momento exato de sua realização, existe uma distância ou lacuna (Wisner 1994). Esta distância é o dado inusitado do trabalho, é fruto da gestão própria, de si mesmo, do ser humano que trabalha, resolvendo os confrontos impertinentes à situação real de trabalho. Essa distância é a prova da particularidade da atividade humana de trabalho.

O fato é que a ergonomia da atividade foi se construindo com base na constatação dos efeitos nocivos produzidos pela administração científica do trabalho, cuja versão mais acabada ao final dos anos 40 tinha a face do taylorismo-fordismo (Ferreira 2008). A jovem ciência propunha uma inversão no paradigma taylorista vigente “*one best way*” (Bonnardel 1946): ao invés da adaptação do homem ao trabalho, ela sustenta a necessidade de adaptar, isto sim, o trabalho (sentido largo do termo) a quem trabalha. Assim, a análise ergonômica é o exame das estratégias usadas pelos trabalhadores para administrar a distância entre tarefa e atividade (Guérin *et al.* 2001). Como ressalta Schwartz (2002: 133), “nem mesmo nas mais rigorosas e aparentemente controladas organizações que adotam a organização científica do trabalho (OCT) existe uma correspondência entre tarefa e atividade”.

A partir do exame dos conceitos de trabalho prescrito e real, Yves Schwartz propõe a Ergologia. Além disso, nota-se, na abordagem ergológica, a presença da filosofia de Canguilhem (2007), especialmente de suas reflexões acerca dos conceitos de norma e de normal. O filósofo francês Yves Schwartz (2010a) destaca que o exercício profissional, independente de qual seja ele, não é o campo por excelência do mecânico e do repetitivo, pois mobiliza escolhas e dramas particulares. “A atividade de trabalho é lugar de investimento subjetivo; uma enigmática alquimia humana aí se dá” (Teixeira 2010: 46).

A ergologia propõe-se a se aproximar desse mundo complexo que é o homem e sua atividade de trabalho, complexidade essa desconsiderada pelo taylorismo, pela chamada “organização científica do trabalho” e mesmo pelo toyotismo. Duraffourg e Durrive (2010: 81) enfatizam que “a norma [...] está

do lado do prescrito, a renormalização do lado da atividade. Ter um posicionamento ergológico é escolher estar nesta vertente para praticar o seu ofício”.

Schwartz (2010a: 189), conforme sugerido por L. M. A. de Freitas (2010, p. 74), propõe uma nova perspectiva, “que abandone a percepção do trabalho como transparente, óbvio, algo sobre o qual não há necessidade de uma abordagem em profundidade”. Desse modo, verifica-se o estabelecimento de uma opacidade na sua reflexão, ou seja, pensá-lo como um objeto denso. Recomenda, também, seu tratamento como uma “matéria estranha” (Canguilhem 2007: 6), ou seja, “um objeto que possui problemas dignos de investigação filosófica e que não pertence ao domínio do pensamento do analista” (L. M. A. de Freitas 2010: 74), pois o trabalho deve ser visto como algo novo, que obriga à aprendizagem e à reflexão. Isso é instituído pela Ergologia para a qual a atividade humana constitui o cerne dessa abordagem (Schwartz 2000, 2010a, 2010b).

Schwartz (1997, 2000, 2010a, 2010b) desenvolve, há mais de 20 anos, a perspectiva ergológica de estudos sobre a atividade de trabalho, prioritariamente voltada para a inevitável implicação da subjetividade no exercício profissional. Para esse filósofo, a realização de qualquer tarefa passa por uma dialética de *uso de si, uso de si por si e uso de si pelo(s) outro(s)*.

O trabalho é *uso de si por si*, uma vez que, no processo de atividade, “o sujeito mobiliza seu saber-fazer, seus valores, seus afetos, enfim, sua singularidade” (E. C. de Freitas 2010: 176). É isso que faz com que seja impossível uniformizar as situações de experiência.

Não obstante tal liberdade, é preciso relativizar essa parte de autonomia, pois o trabalho é também *uso de si por outros* (Schwartz 2010a). Os trabalhadores realizam suas atividades a partir de ordens e procedimentos dos quais não são autores. De acordo com essa perspectiva teórica, a tarefa corresponde às normas e regras que são prescritas ao trabalhador e a atividade seria a realização dessas tarefas. Porém, não há uma relação direta entre essas duas dimensões, ou seja, existem muitas lacunas entre o que é prescrito e o real.

Assim, procurando dar conta dessa distância entre a tarefa e a atividade realizada, a Ergologia propõe os conceitos de normas antecedentes e renormalizações. Através deles, busca-se a análise e transformação das situações de trabalho. Para isso, o conceito de trabalho utilizado relaciona-se diretamente com o conceito de “atividade industriosa”, que envolve sempre um “debate de normas”. Portanto, observa-se o constante embate entre as “normas antecedentes” e as “renormalizações” (Schwartz 2010a).

Souza-e-Silva (2002: 7, grifo do autor) destaca que “a contribuição de Abdallah Nouroudine retoma um dos modos clássicos de abordar a relação linguagem/trabalho, isto é, a distinção entre linguagem *no* trabalho, *sobre* o trabalho, *como* trabalho. Esses três aspectos estão estreitamente ligados, mas levantam problemas epistemológicos distintos”. Nouroudine (2002) emprega o conceito de “práticas linguageiras” como termo genérico que contempla os três aspectos da linguagem antes mencionados, pois, “nessa acepção, a ‘linguagem

como trabalho', a 'linguagem no trabalho' e a 'linguagem sobre o trabalho' constituem modos da forma genérica 'práticas languageiras'".

No entanto, a redução do uso da linguagem no trabalho decorre da ideia enganosa da sua transparência. Souza-e-Silva (2002: 62) comenta que "a crença segundo a qual tudo aquilo que é dito pelo enunciador seria compreendido como tal pelo interlocutor" pode ser atribuída ao fato de que o estudo da Linguística ficou voltado à imanência da língua e que os linguistas estiveram, por muito tempo e devido à tradição, vinculados às instituições escolares. Desse modo, explica-se a demora de um entrelaçamento entre as ciências do trabalho e as da linguagem.

Em relação à linguagem sobre o trabalho, Nouroudine (2002: 26) destaca que esta é, muitas vezes, motivada por exigências da equipe ou da empresa para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrar, para se justificar. Mesmo assim, porém, "[...] é pertinente o questionamento acerca de 'quem fala?', 'de onde ele/ela fala?', 'quando ele/ela fala?' para que se compreenda onde se situa o campo de validade de pertinência da 'linguagem sobre o trabalho'". A linguagem sobre o trabalho acontece na empresa, nas organizações, bem como fora dela, não raro em momentos de ócio do trabalhador. E para melhor compreender esse personagem, é necessário que se compreenda quem ele é, de onde e para quem ele fala, observando que a linguagem por si nem sempre evidencia, claramente, os sentimentos humanos.

De acordo com Faïta (2002: 51), a fala no trabalho e a fala sobre o trabalho "são marcadas, tanto uma quanto a outra, pela relação que mantêm com a ação [...] a competência e os saberes dos sujeitos nos parecem incorporados simultaneamente às maneiras de dizer e às maneiras de agir orientadas a um objetivo comum". Essas práticas languageiras, por vezes, se aproximam, se distanciam e se entrelaçam, permitindo que o conhecimento seja disponibilizado em favor da realização, ou não, do trabalho. Esse mesmo autor caracteriza duas situações de trabalho: uma se delinea pela densidade de trocas verbais e distinção de marcas pertinentes ao plano linguístico, e outra mostra que o papel da linguagem é menos relevante, porém mais coercitivo, evidenciando a característica de heterogeneidade da linguagem. Desse modo, numa troca de enunciados entre locutor e interlocutor, visualiza-se o encadeamento entre ambos, bem como atribuições às suas interpretações, uma vez que a fala no trabalho e sobre o trabalho é necessariamente marcada pela ação.

Ainda, segundo o filósofo Nouroudine (2002), ao se utilizar da linguagem, ou seja, fala para si e para o outro, nas situações de realização do trabalho, o sujeito deixa sua identidade pessoal dentro e fora da instituição, pois essas atividades languageiras (linguagem sobre o trabalho, a linguagem no trabalho e a linguagem como trabalho) nada mais são que estratégias com vistas a um objetivo e objetos de negociação. Então, segundo Nouroudine (2002: 20), as práticas languageiras se constituem por dois níveis de linguagem: "por um lado envolvem gestos, falas, que o protagonista utiliza ao se dirigir a seus colegas

envolvidos em uma atividade executada coletivamente; por outro, as falas que o protagonista do trabalho dirige a si próprio”.

Se a Ergologia não reduz o trabalho do indivíduo a atividades mecânicas, mas contempla o caráter subjetivo, o discurso em ambientes de trabalho tem muito a revelar sobre a particularidade do homem e sua atuação – única – nas instituições.

Na sequência, discorreremos sobre pressupostos que se alinham à perspectiva da análise do discurso, de base enunciativa, mediante aportes teóricos que se manifestam na situação de enunciação.

2. *Cenografia, ethos e discurso: os “lugares” de enunciação*

Ao assumir que o discurso é regulado por uma semântica global, Maingueneau (2008a) admite que todos os planos da discursividade – desde os processos gramaticais até o modo de enunciação e de organização da comunidade discursiva – estão submetidos ao mesmo sistema de restrições, concebido como um filtro que fixa os critérios de enunciabilidade de um discurso.

Com atenção ao nosso objetivo de pesquisa e pautando-nos na hipótese da Semântica Global (Maingueneau 2008a), selecionamos as dimensões que privilegiam a heterogeneidade enunciativa, o estatuto dos parceiros, a dêixis enunciativa e o modo de enunciação, discutidos em nossa análise a partir dos conceitos e pressupostos de cenografia e de *ethos* (Maingueneau 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010).

Desse modo, temos com pressuposto de que todo discurso constrói um quadro enunciativo (E. C. de Freitas 2010, 2011). De acordo com Maingueneau (1997: 75), “o enunciador não é um ponto de origem estável que se ‘expressaria’ dessa ou daquela maneira”, ele está inserido em uma determinada cena enunciativa e é a partir desse lugar que o fiador assume um *modo de enunciação*, ou seja, um *ethos*. Portanto, para Maingueneau, na Análise do Discurso, o *ethos* é concebido como parte constitutiva da cena de enunciação e não como uma simples estratégia persuasiva.

A cenografia pode ser definida como um correlato da própria enunciação, pois é esta última que “ao se desenvolver esforça-se por constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau 1997: 87). A enunciação leva o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) a se deslocar para um segundo plano, pois quando um texto apresenta uma cenografia, é por meio dela que esse texto se “mostra” ou se “dá a conhecer” a seu coenunciador.

Uma das formas de acesso aos investimentos cenográficos de um texto é por intermédio do que Maingueneau (1997) denomina *dêixis discursiva*, instaurada na e pela enunciação. Análoga à dêixis linguística (EU ↔ TU – AQUI – AGORA), que define referências espaciotemporais, a dêixis discursiva possui a mesma função, porém manifesta-se em um nível do universo de sentido de uma formação discursiva construído *na e pela* enunciação. Esse conceito define

então referências a três registros interdependentes: uma *locução* (locutor e destinatário), a uma *topografia* (espaço) e a uma *cronografia discursivas* (tempo).

Relacionado à noção de cenografia, temos o conceito de *ethos* entendido por Maingueneau (1997, 2001, 2008b) como uma das formas de investimento discursivo produzido *na e pela* enunciação. Segundo esse linguista, o *ethos* constitui-se como um dos planos da cenografia, visto que “todo enunciado, oral ou escrito, procede de um enunciador encarnado, uma voz que dá sustentação ao texto – a voz de um sujeito situado para além do texto” (Maingueneau 2001: 95).

Ao sistematizar o conceito de *ethos* para a análise do discurso, Maingueneau (1997, 2001, 2008b) afirma que este liga-se diretamente ao “tom” que engendra o discurso. Maingueneau (2008b: 71-72) comenta que reformulou o conceito de *ethos* em um quadro da análise do discurso que “longe de reservá-lo à eloquência judiciária ou mesmo à oralidade, propõe que qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse”: o termo “tom”, conforme o linguista, tem a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral.

A noção de *ethos*, segundo Maingueneau (1997, 2001, 2008b), possibilita um estudo da(s) instância(s) subjetiva(s) envolvida(s) na enunciação. É pelo próprio ato de enunciar que o enunciador constrói a legitimidade de sua enunciação, revelando por intermédio mesmo da enunciação um *caráter* e uma *corporalidade*, isto é, pode-se afirmar que a maneira de *dizer* revela uma maneira de *ser* do enunciador.

A imagem corporal do enunciador faz emergir a figura do fiador, entendida aqui como aquela que deriva da representação do corpo do enunciador efetivo (e não, bem entendido, do corpo do autor efetivo), se construindo no âmbito do discurso. “Assim a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (Maingueneau 2008b: 72). O ‘fiador’, cuja figura “o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens”, vê-se, desse modo, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos.

O *ethos*, portanto, não é uma característica inerente e exclusiva do enunciador; o coenunciador, por intermédio de um processo chamado *incorporação* (Maingueneau 1997, 2001, 2008b), assimila também um *ethos*. Assim como a cenografia, o *ethos* se configura por um paradoxo constitutivo, é por meio de seu próprio enunciado que o enunciador deve legitimar sua maneira de dizer, não sendo possível dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala.

3. *Discursos da prescrição e da atividade docente: percurso metodológico e análise*

A opção teórico-metodológica adotada neste estudo se baseia na perspectiva multidisciplinar que envolve a temática Linguagem e Trabalho, mediante

interface entre pressupostos teóricos da Ergologia e da abordagem enunciativa do discurso, mais especificamente no que se refere à situação de enunciação – cenografia e *ethos* discursivo. Nesse cenário interdisciplinar, propomos que se compreendam as especificidades da atividade de trabalho a partir da análise de práticas linguageiras singulares que se realizam nos discursos docentes em situações de trabalho, no ambiente escolar de um estabelecimento de ensino da rede estadual pública, localizada na cidade de Passo Fundo (RS).

Utilizamos a técnica Grupo Focal. Esses dados de pesquisa foram coletados no mês de junho de 2013. *Focus Group* “trata-se de um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo. Tem como objetivo a discussão de um tópico específico” (Martins 2006: 28), no caso deste estudo a análise de discursos da prescrição e da atividade docente. A pesquisa classifica-se como descritiva, bibliográfica e pesquisa de campo.

Destacamos que diante dos depoimentos colhidos, os sentidos construídos verificados na cenografia enunciativa e no *ethos* presentes nesses discursos analisados têm como marco teórico principal os estudos de Schwartz (1997, 2002, 2010a, 2010b) e os de Maingueneau (2008a, 2008b, 2010).

Nesse sentido, a linha enunciativo-discursiva pode auxiliar o pesquisador a observar a subjetividade presente nas enunciações – do *eu* e do *outro* –, cujos traços são imprescindíveis para a construção da identidade socioprofissional dos sujeitos envolvidos em situações de trabalho.

3.1. A SINGULARIDADE DO DISCURSO DOCENTE SOBRE E NA ATIVIDADE: A ENTREVISTA COMO CENARIO ENUNCIATIVO

Com a finalidade de melhor compreender a análise, registramos o seguinte percurso metodológico com destaque para a interface entre:

- a) *Ergologia*: verificamos conceitos sobre normas antecedentes (o prescrito) e renormalizações (o real), bem como o que se refere à operacionalização dos saberes constituídos e investidos; as relações entre os valores, o saber e o agir em competência; a ‘dramática do uso de si’, representada na linguagem sobre o trabalho, ou seja, o uso de si por si e o uso de si pelos outros;
- b) *Cenografia e ethos*: consideramos o estatuto do enunciador e do destinatário: marcas de pessoa no discurso – eu, tu, nós; a dêixis enunciativa temporal e espacial; o modo de enunciação (maneiras de dizer) através de enunciações/enunciados, cujos discursos são marcados linguisticamente por especificidades do dizer, ou seja, da linguagem *no e sobre* o trabalho. Além disso, “[...] o universo do discurso toma corpo ao colocar em cena um discurso que deve encarnar sua verdade por meio da enunciação [...]” (Maingueneau, 2008b: 91).

Na sequência, fizemos um recorte necessário devido ao espaço e extensão do conteúdo deste trabalho; selecionamos alguns segmentos discursivos, conforme Quadro 1, extraídos de duas questões (de um total de cinco), as quais consideramos mais representativas e elucidativas, do roteiro de perguntas que integram a entrevista realizada mediante a aplicação da técnica Grupo Focal, com cinco professores sujeitos da pesquisa.

Quadro 1 – Segmentos discursivos 1

Questão A: *Como você realiza o trabalho em sala de aula? Que normas e regulamentos você costuma seguir? Quais e por quê?*

Respostas: a) “Tudo o que é decidido pela direção deve ser cumprido por todos [...]”; b) “Eu faço o que a escola pede, se não faço dá rolo [...]”. [...] se os professores não fazem o que foi determinado dá rolo e vêm as críticas, perdemos o emprego. [...] Às vezes mudo um pouco, levo alguma novidade, mas é pouco, o melhor é seguir aquilo que já tá pronto. c) “Sim, sim, eu sigo tudo o que posso, principalmente, naquilo que pode chegar na direção, se tornar público [...]”; d) “Eu sigo o conteúdo exatamente na ordem do plano anual de ensino [...]”; e) “Dentro da sala somos autônomos, mesmo que tenhamos regulamento para seguir [...] Os exercícios é que são por minha conta”.

Fonte: entrevistas Grupo Focal

Esses depoimentos dos entrevistados revelam que, para realizar a gestão de si na atividade docente, a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, o professor se vê em meio a normas e a tensão em renormalizá-las. O trabalho prescrito pressupõe um conjunto de condições e exigências a partir das quais a tarefa deverá ser realizada, e inclui tanto as condições determinantes de uma situação de trabalho (ambiente físico, matéria-prima, equipamentos etc.) quanto as prescrições (normas, ordens, manuais, metas e objetivos, resultados a serem obtidos etc.). Conforme Schwartz (1997), o enfoque ergológico critica as abordagens que consideram o trabalho como uma mera execução de uma prescrição, dos procedimentos estabelecidos, como se existisse uma divisão transparente entre os que planejam e os que executam dada tarefa.

Percebemos que as regulamentações/prescrições das normas, que se estabelecem sobre o trabalho docente, implicam significativamente no que Schwartz (2010a) denomina “dramáticas da atividade”, porque podem ocorrer de maneira mais ou menos conflituosa conforme a correlação de forças entre o grau de exigência das solicitações externas ao sujeito, como é possível observar nos recortes discursivos, Quadro 1: “*Tudo o que é decidido pela direção deve ser cumprido por todos*”; “*Eu faço o que a escola pede, se não faço dá rolo*”; “*Eu sigo o conteúdo exatamente na ordem do plano anual de ensino*”.

Nesses segmentos discursivos, que constam do Quadro 1, depreendemos que os docentes “obedecem” a normas prescritas, instituídas, no sentido de se proteger e, desse modo, atender aos superiores para mostrar eficiência no trabalho que realizam. De acordo com Schwartz (2010a: 192), “as normas têm o objetivo de organizar o trabalho e surgem para prescrever de modo antecipado e enquadrar de forma explícita aquilo que o trabalhador deve executar”.

As normas, as prescrições, têm o objetivo de estabelecer parâmetros para a realização do trabalho, da atividade; portanto, temos aí uma visão taylorista do trabalho, pois, segundo Duraffourg e Durrive (2010: 68), “descobrimos o quanto é escandaloso tudo o que impede, nas situações de trabalho, as pessoas empregarem as suas potencialidades”. Mesmo que os docentes sigam as normas, há renormalizações no exercício da atividade, visto que os professores vivenciam maneiras específicas de construir e de reconstruir situações de trabalho, em sala de aula, e a si próprios, sua maneira de ser e de dizer. Nesse sentido, Duraffourg e Durrive (2010: 68) afirmam que “por trás dos gestos mais simples, há sensibilidade, estratégia, inteligência, todo um saber-fazer amplamente subestimado”.

Impulsionados pelas características e perfis próprios, os docentes reorganizam as normas estabelecidas, como é possível perceber nas afirmações: *Às vezes, mudo um pouco, levo alguma novidade; Dentro da sala somos autônomos, mesmo que tenhamos regulamentos para seguir; Os exercícios é que são por minha conta.* Como é possível constatar nos depoimentos dos entrevistados, os docentes, mais especificamente no momento da realização da atividade em sala de aula, fazem suas escolhas e nesse ato o professor transforma as normas de forma a singularizar a atividade, isto é, ressignifica seu fazer.

Diante desses pronunciamentos dos professores, podemos verificar que se tornam visíveis algumas barreiras impostas pelo sistema normativo, que é coercitivo por sua vez, no sentido da realização do trabalho como nos é revelado pelas “falas” dos docentes. Isso parece mostrar a evolução histórica de valores e investimento de saberes na atuação desses professores diante de sua relação com o conhecimento, enquanto meio de trabalho, e também a gestão de si e de sua atividade ao interagir com o outro, o aluno, com os pares, os professores, com a direção da escola. O processo de renormalização das normas antecedentes configura-se dentro de um quadro que implica uma dramática pessoal do uso de si, visto que esse processo de reelaboração e ressignificação das práticas docentes, em sala de aula, orientam as relações do professor com o conhecimento e o conteúdo de ensino, com a forma de ensinar e validar ou, pelo menos, reconhecer a aprendizagem do aluno. Em vista disso, E. C. de Freitas (2010: 191, grifo do autor) ressalta que “a expressão *uso de si* remete ao fato de que não há somente execução nessa dramática, mas um uso. É a pessoa sendo convocada em toda a sua subjetividade, com toda a mobilização que qualquer abordagem taylorista jamais pode alcançar”.

Todo esse processo de interação que ocorre na atividade docente sugere formas particulares de trocas de valores e normas dos profissionais da educação entre si e os alunos. Sendo assim, “as renormalizações representam o confronto entre as circulações da atividade industriosa e de uma cultura própria de se viver e trabalhar na educação profissional”, pois, conforme Schwartz (2000: 38), a “cooperação, a troca necessária, obrigam a operar uma espécie de fusão entre a vida profissional e percursos subjetivos de cada um”.

Nos excertos discursivos extraídos das entrevistas feitas com os professores, o “eu” evidencia uma cenografia associada à imagem de pessoas que detêm responsabilidades e capacidades com referência à vida no trabalho, bem como à vida pessoal. As expressões também enfatizam os diversos valores e estatutos das posições ocupadas pelos personagens de ação na escola onde atuam como participantes de uma estrutura de trabalho.

Essas distintas posições dos indivíduos que trabalham na escola revelam-se, claramente, por meio de semas os quais possibilitam identificar a dualidade entre os que atuam – e exercem seu trabalho – em uma instância de poder e aqueles que se reduzem à obediência: o professor. No enunciado *Tudo o que é decidido pela direção deve ser cumprido por todos [...]*, a indefinição dos pronomes *tudo* e *todos*, por exemplo, demarca o estatuto de um enunciador ciente da cena que por ele é atribuída: como topografia institui a escola, lugar em que a voz do professor é silenciada, exceto em sala de aula.

Sob a perspectiva enunciativa, essas posições ocupadas pelos personagens discursivos bem como a estrutura de trabalho definem-se, também, por meio da instância organizada no tempo e no espaço. Assim, pela dêixis enunciativa, a imagem do professor encontra-se duplamente refletida no ambiente de trabalho: historicamente, seu *ethos* constitui a autoridade; na atualidade, as coerções constitutivas da escola fazem-no um enunciador moldado pelos interesses da instituição.

Nesse particular, a análise do discurso, especificamente por meio da cenografia, elucida o processo linguageiro que ainda perdura na escola. A contribuição de Maingueneau (2008a, 2008b) reside, sobretudo, nas “escolhas” das cenografias feitas pelos enunciadores. A legitimação de que o trabalho docente se caracteriza por um sistema taylorista se dá pela cenografia, pela enunciação.

O uso de “eu” nos enunciados também revela a subjetividade dos sujeitos ao se apropriarem de suas funções na escola, na sala de aula, ou seja, constroem-se cenografias que projetam e refratam imagens de si (do professor) e do outro (o aluno), por consequência, evidencia-se o *ethos* discursivo: professor responsável, cumpridor de normas, instrutor, educador.

É o caso das passagens *Eu faço, mudo, levo, eu sigo, dou um jeito, explico bem*. Como a presença das pessoas tem uma estreita relação com a cenografia, verificamos que a *enunciação enunciada* e o valor das marcas temporais dos verbos acentuam um *ethos* fortemente veiculado com as forças tayloristas e conservadoras do trabalho docente. A concomitância do tempo presente em

relação ao agora (momento enunciativo) cria um efeito de sentido de atualização de uma realidade que transparece imperar na escola, não apresentando quaisquer indícios de mudanças.

Diante das cenas enunciativas mediatizadas pelos sujeitos entrevistados, entrelaçam-se cenografias que derivam *ethé* discursivos, tais como: por um lado, temos o professor obediente, cumpridor de normas, que não transforma nem modifica o seu fazer docente devido à hierarquização da estrutura administrativa da escola e, também, por conta das prescrições existentes; por outro lado, é possível contrapor essa imagem com o *ethos* de autonomia do professor, que faz a gestão de si na atividade, em sala de aula, ao realizar seu trabalho, renormalizando-o. Conforme Maingueneau (2008b), o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem do locutor exterior a sua fala.

Quando da abordagem do estatuto do enunciador e do destinatário, Maingueneau (2008a: 87) destaca que a subjetividade está intimamente relacionada com a competência discursiva. Na escola, cada discurso define o estatuto que o enunciador – o professor – deve se atribuir para validar o seu dizer. E isso depende, igualmente, das diferentes vozes atuantes no ambiente escolar e, sobremaneira, das variadas manifestações de poder configuradas nesse espaço.

A cena de enunciação construída pelo discurso não é puramente imaginária, pois a autoridade do locutor, do enunciador, no caso o professor entrevistado, não advém somente das modalidades languageiras da troca simbólica da qual ele participa. Essa autoridade “é também produzida pelo discurso em uma troca verbal que visa a produzir e a fazer reconhecer sua legitimidade” (Amossy 2008: 138), e daí se constrói um *ethos* de empoderamento.

Além de o enunciado revelar a tríade enunciativa (*eu – aqui – agora*), por meio das conjugações verbais e dos elementos dêiticos – sobretudo os advérbios *já, bem, exatamente, lá*, entre outros elementos que caracterizam um locutor convencido de sua prática –, percebemos também a reiteração de estruturas condicionais e concessivas que acentuam a submissão do professor ante os integrantes da direção escolar: *se não faço dá rolo [...]; [...] se os professores não fazem [...] vêm as críticas, perdemos o emprego; mesmo que tenhamos regulamento para seguir [...]*.

Percebemos, portanto, que a autoridade relativa do enunciador provém de projeções do *ethos* que são apresentadas no discurso, pois se constatam imagens de si construídas pelo dizer que revelam uma maneira de ser da escola e do professor. Tais imagens significam e ressignificam, a todo instante, valores como obediência, disciplina, aplicação ao fazer-docente, interesse pelos alunos. Verificamos, então, que o estatuto institucional do locutor, no caso cada um dos professores entrevistados, como ser do discurso, se recobre e se reforça mutuamente, existindo, dessa maneira, incorporação do discurso da escola pelo fiador/enunciador, que mediante a cenografia construída instiga e “chama” o coenunciador a aderir ao que é dito, para saber, para fazer (Maingueneau

2008b, 2008c). No Quadro 2, apresentamos outros segmentos discursivos que são instigantes ao estudo que desenvolvemos:

Quadro 2 – Segmentos discursivos 2

Questão B: *Quando são oferecidos cursos de formação continuada ou oficinas, com que expectativa você participa desses eventos? Você põe em prática os novos conhecimentos atualizando os procedimentos da sua prática docente em sala de aula?*

Respostas: a) “Sim, quando dá e a escola libera eu vou. Participo e se tem alguma coisa que dá para ser aproveitada, eu passo para os alunos; b) “Sempre é possível aproveitar alguma coisa e passar aos alunos. É bom aprender e dar aulas diferentes, quando dá e não foge muito daquilo que sempre se faz”; c) “Alguns cursos, oficinas, treinamentos são fracos, eu acho. Prefiro eu mesma inventar. Lógico, quando dá pra colocar em prática alguma coisa eu aproveito [...]”.

Fonte: entrevistas Grupo Focal

No exercício do trabalho ocorre também o investimento de si por si e pelos outros, que Schwartz (2010b, p. 261) aponta esse processo como sendo as “dramáticas do uso de si por si mesmo e por outro”. Há, nesse sentido, uma manifestação que envolve aspectos relativos à interação – entendida como qualidades das relações de cooperação – dos professores com seus alunos. O sentido de cooperação é o núcleo da interação no trabalho dos docentes, cuja autonomia e o envolvimento do sujeito são determinantes para a consecução do trabalho, da própria atividade. É o que verificamos nos depoimentos apresentados, tais como: *se tem alguma coisa que dá para ser aproveitada, eu passo para os alunos; Sempre é possível aproveitar alguma coisa e passar aos alunos; quando dá pra colocar em prática alguma coisa eu aproveito.*

A interação dos professores com outras pessoas, no que diz respeito ao seu saber-fazer docente, o desejo de aprender para poder contribuir com novos aprendizados, novas estratégias pedagógicas e novas formas de compreender a realidade, para buscar transformações no trabalho com um todo, estimulam e convocam o docente a fazer uso de si por si e de si em prol dos outros, seus alunos. Conforme afirmam Duraffourg e Durrive (2010: 77), a dialética “uso de si por si e pelos outros funciona integralmente no seio dos coletivos de trabalho”.

Verificamos nos excertos discursivos destacados, Quadro 2, que o uso de si pelos outros é evidente na fala dos professores, pois percebemos que há preocupação dos docentes entrevistados em compartilhar novos aprendizados e novas experiências aos seus alunos. Usar de si por si e usar de si em prol dos outros é uma questão complexa, pois, segundo Souza-e-Silva (2008: p. 3), “o si não é um sujeito substância, mas uma entidade em parte opaca ao próprios ser humano que faz a experiência de si mesmo por meio da atividade laboriosa”.

Podemos considerar, então, que os saberes são constituídos, os saberes formais e os saberes investidos – ou seja, a historicidade do sujeito, e ambos mostram-se estreitamente vinculados à realização do trabalho. Conforme Nouroudine (2002: 19), “as atividades, os saberes e os valores são propriedades intrínsecas ao trabalho, que se manifestam no cruzamento e na contaminação mútua”.

Ainda que haja uma dinâmica na busca de novos saberes por parte dos docentes, o olhar linguístico-discursivo permite inferir algumas considerações. A instauração da primeira pessoa – *eu vou, participo, eu passo, prefiro*, entre outras aponta para um estatuto de identidade, ou seja, o enunciador assume o discurso e, ao mesmo tempo, leva o coenunciador a assimilar esse esquema representativo: a imagem de professor que assume seu “bom” papel na escola. No entanto, o *ethos* do professor partícipe de novos aprendizados coaduna-se com a cenografia coercitiva da instituição: *quando dá, quando a escola libera*.

Outra passagem que chama a atenção é o uso da terceira pessoa apenas no fragmento “sempre se faz”. O apagamento da pessoa nesse momento fornece indícios de uma realidade objetiva e que parece caracterizar uma verdade inquestionável do sistema: a escola é o lugar onde “sempre se faz a mesma coisa”. Embora tenhamos o apagamento da pessoa, o advérbio *sempre* e o verbo *fazer*, coincidindo com o momento de enunciação presente, situam uma imagem objetiva também assimilada pelo enunciador.

Através da análise das instâncias de enunciador e de coenunciador (Maingueneau 2008a) verificadas nos excertos discursivos mencionados, é possível observar a presença de uma imagem recorrente que é construída na cenografia instituída: professor se atualiza, repassa conhecimentos à medida do possível, ou seja, *quando dá, quando a escola libera*; isso ocorre parcialmente devido ao sistema prescritivo e coercitivo que normaliza a atividade docente.

Nessas cenografias construídas, o enunciador apresenta-se, ainda, como fiador, pois se considera responsável pelo grupo e, muitas vezes, responde por ele. Maingueneau (2008b: 72) destaca que “o fiador [...] vê-se, assim, investido de um caráter e uma corporalidade”. Em razão disso, o enunciador, representante da instituição escolar pressupõe um caráter confiável, e esse caráter “corresponde a um feixe de traços psicológicos”; a corporalidade “está associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social” (Maingueneau 2008b: 72).

Percebemos, portanto, que a autoridade relativa do enunciador provém de projeções do *ethos* que são apresentadas no discurso, pois se constata imagens de si construídas pelo dizer que revelam uma maneira de ser da escola e do professor. Tais imagens significam e ressignificam, a todo instante, valores como obediência, disciplina, aplicação ao fazer-docente, interesse pelos alunos. Verificamos, então, que o estatuto institucional do locutor, no caso cada um dos professores entrevistados, como ser do discurso, se entrelaçam existindo, dessa maneira, incorporação do discurso da escola pelo fiador/enunciador, que

mediante a cenografia construída instiga e “chama” o coenunciador a aderir ao que é dito, para saber, para fazer (Maingueneau 2008b, 2008c).

Considerações finais

O tema do estudo abordou as práticas de linguagem *no* e *sobre* o trabalho e teve como delimitação a análise de discursos da prescrição e da atividade docente na sala de aula, em uma escola estadual localizada na cidade de Passo Fundo (RS).

A questão norteadora de pesquisa foi atendida à medida que se verificaram pistas linguístico-discursivas confirmadoras de que os docentes encontram, no trabalho em sala de aula, complexos desafios e peculiaridades, mobilizam saberes a partir das prescrições que lhe são feitas e as renormalizam de alguma forma no sentido de desenvolver sua atividade, fazendo a gestão e uso de si mediante cenografias instituídas das quais emergem *ethé* discursivos desse profissional a partir das cenas enunciativas que se verificam nos depoimentos colhidos, em situação de entrevista, desses profissionais da educação.

Desse modo, o objetivo central deste estudo foi alcançado, pois visou compreender e analisar as práticas de linguagem *no* e *sobre* o trabalho: discursos da prescrição e da atividade docente, tendo como base as cenas enunciativas das quais se configuram o *ethos* discursivo na atividade, em situação de trabalho.

Constatamos, nesse sentido, que as prescrições que existem na atividade do professor provêm da hierarquia, porém os docentes não são totalmente passivos, na medida em que fazem algumas renormalizações do prescrito e se apropriam de novos saberes, confrontando-se com *dramáticas de uso de si* ao realizarem as suas atividades docentes.

Ao abordar a ergologia e os pressupostos da cenografia e do *ethos* discursivo, depreendemos, por meio de pistas linguístico-discursivas, como se constroem a cenografia e o *ethos* discursivo dos docentes entrevistados, objetivo desta pesquisa, o que possibilitou, também, a compreensão da relação de trabalho havida entre os professores e sua hierarquia administrativa, bem como entre seus alunos na atividade em sala de aula.

Dessa forma, investigando as práticas discursivas orais, posteriormente transcritas para fins de registro e análise, manifestadas pelos sujeitos pesquisados, percebemos diversos modos de pensar o trabalho, a própria atividade, e as dramáticas do uso de si que envolvem o professor no ambiente escolar.

Isto posto, vislumbramos a possibilidade de contribuir, de forma prática, com os estudos interdisciplinares que envolvem a temática Linguagem e Trabalho. Um diálogo que se declara não somente pela aproximação de teorias, mas sim pela possibilidade de entender a atividade do professor discursivamente, uma vez que o trabalho reflete as condições socio-históricas dos sujeitos envolvidos, e a cenografia denuncia o *ethos* emergente da atividade docente. Mediante os depoimentos, percebemos que a escola, como um espaço de trabalho, ainda teima em manter uma estrutura na qual a burocracia transcende

o fazer docente. A fala dos professores parece alimentar certo otimismo em relação à atividade. Contudo, o contexto enunciativo denuncia que o *ethos* de poder ainda tem papel preponderante. Em relação ao meio acadêmico, este estudo proporcionou uma aproximação entre o cultural e o senso comum, tendo a pretensão de promover novas interlocuções, por meio do poder público, da universidade, das instituições de ensino e, por que não dizer, da própria sociedade organizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. 2008. O *ethos* na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In R. Amossy (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, pp. 119-144. São Paulo: Contexto.
- BONNARDEL, R. 1946. *A adaptação do homem ao trabalho*. Lisboa: Horizonte.
- CANGUILHEM, G. 2007. *O normal e o patológico*. Tradução de M. T. Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DURAFFOURG, J. e DURRIVE, L. 2010. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In Y. Schwartz & L. Durrive (orgs.). *Trabalho & Ergologia. Conversas sobre a atividade de trabalho*, pp. 47-82. Niterói: Editora da UFF.
- FAÏTA, D. 2002. Análise das práticas linguageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In M. C. P. Souza-e-Silva & D. Faïta, D. (org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*, pp. 45-60. São Paulo: Cortez.
- FERREIRA, M. C. 2008. A ergonomia da atividade se interessa pela qualidade de vida no trabalho? Reflexões empíricas e teóricas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11 (1): 83-99.
- FREITAS, E. C. DE 2010. Linguagem na atividade de trabalho: *éthos* discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Desenredo*, 6 (2): 170-197.
- FREITAS, E. C. DE 2011. Práticas de linguagem na atividade de trabalho: cenografia e *ethos* em discursos socioprofissionais. *Revista Latinoamericana de Estudios Del Discurso*, 11(2): 49-68.
- FREITAS, L. M. A. DE 2010. *Da fábrica à sala de aula: vozes e práticas tayloristas no trabalho do professor de espanhol em cursos de línguas*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas.
- GUÉRIN, F., LAVILLE, A., DANIELLOU, F., DURAFFOURG, J. e KERGUELEN, A. 2001. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgard Blücher.
- LACOSTE, M. 1998. Fala, atividade, situação. In F. J. Duarte & V. C. Feitosa (orgs.). *Linguagem e trabalho*, pp. 15-36. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MAINGUENEAU, D. 1997. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução F. Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.
- MAINGUENEAU, D. 200. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de C. P. Souza-e-Silva & D. Rocha. São Paulo: Cortez.

- MAINGUENEAU, D. 2008a. *Gênese dos discursos*. Tradução S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2008b. *Ethos, cenografia, incorporação*. In R. Amossy (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, pp. 69-92. São Paulo: Contexto.
- MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização S. Possenti, M. e C.P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial.
- MARTINS, G. DE A. 2006. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- NOURODINE, A. 2002. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In M. C. P. Souza-e-Silva & D. Faïta (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*, pp. 17-30. São Paulo: Cortez.
- RECH, M. H. B. e FELTES, H. P. DE M. 2005. No fio do discurso: análise do discurso sobre o trabalho no artigo opinativo do Jornal Correio Rio-Grandense. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 5 (2): 267-293.
- SCHWARTZ, Y. (org.) 1997. *Reconnaissances du travail. Pour une approche ergologique*. Paris: PUF.
- SCHWARTZ, Y. 2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octares Editions.
- SCHWARTZ, Y. 2002. Disciplina epistêmica disciplina ergológica – Paideia e Politeia. *Pro-Posições*, 13 (1): 126-149.
- SCHWARTZ, Y. 2010a. Trabalho e uso de si. In Y. Schwartz & L. Durrive (orgs.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*, pp. 189-226, 2. ed. Niterói: Editora da UFF.
- SCHWARTZ, Y. 2010b. O homem, o mercado e a cidade. In Y. Schwartz & L. Durrive. (orgs.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*, pp. 247-273, 2. ed. Niterói: Editora da UFF.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P. 2002. Apresentação. In M. C. P. Souza-e-Silva & D. Faïta (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*, pp. 7-14. Tradução I. Polegatto, D. Rocha. São Paulo: Cortez.
- TEIXEIRA, M. 2010. Dimensão subjetiva da atividade de trabalho: um olhar multidisciplinar. *Correio APOA*, 188: 45-53.
- WISNER, A. 1994. *A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia*. Tradução de R.L. Ferreira. São Paulo: Fundacentro.

ERNANI CESAR DE FREITAS. Doutor em Letras pela PUCRS, com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); pesquisador nas áreas Linguagem e Trabalho, Semântica Argumentativa, Semiologia; professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF); professor do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS. Integra a *Asociación Latinoamericana de Estudios Del Discurso* (ALED) e o Grupo de Trabalho Linguagem, Enunciação e Trabalho vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).
Correio eletrônico: ecesar@upf.br

DÉBORA FACIN. Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo; Mestra em Letras (UPF); Especialista em Linguística e Ensino pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Especialista em Produção e Revisão de Textos pela Unochapecó; bolsista Capes.

Correio eletrônico: deborafacin@hotmail.com